



EDUCAÇÃO e Emergências Climáticas

2

LOGÍSTICA E
INFRAESTRUTURA

Realização:



Parceiros:



Assistência Técnica:

EDUCAÇÃO e Emergências Climáticas



LOGÍSTICA E
INFRAESTRUTURA

Outubro, 2025

Realização:



Parceiros:



Assistência Técnica:



REALIZAÇÃO

**Consórcio Interestadual
Amazônia Legal**

Helder Zahluth Barbalho
Presidente do Consórcio

Marcello Brito
Secretário Executivo

Vanessa Duarte Emenergildo
Diretora Executiva

Pedro Firmo
Coordenador

Cicília Prado de Sales
Rafaelle da Silva Pereira
Saul Isaías
Assessores

Instituto Unibanco

Ricardo Henriques
Superintendente Executivo

Mirela de Carvalho
Núbia Freitas Silva Souza
Ricardo Madeira
Tiago Borba
Gerentes

Alan Ary Meguerditchian
Barbara Caroline de Sousa Appolinário
Carolina Fernandes
Carine dos Santos Nascimento
Fernanda Aoki
Rafael Brum
Coordenação de Relações Institucionais

Barbara Caroline de Sousa Appolinário
Carolina Fernandes
Leitura Crítica

**Fundo das Nações Unidas para a
Infância (UNICEF)**

Joaquin Gonzalez-Aleman
Representante do UNICEF no Brasil

Layla Saad
*Representante-adjunta do UNICEF
no Brasil*

Mônica Pinto
Chefe de Educação

Ana Carolina Fonseca
Cynthia Elena Ramos
Danilo Moura
Isabele Villwock Bachtold
Leitura crítica

Vozes da Educação

Carolina de Oliveira Campos
Coordenadora

Giovanna Matias Soares
Vanessa Pereira Terra
Pesquisa e Sistematização

Ana Terra C. Viana
Projeto gráfico e diagramação

**Secretaria de Estado de Educação
e Desporto Escolar do Amazonas**

Euzivaldo Queiroz
Fotografia

Outubro, 2025



Foto: Aflo - Getty Images

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
2. POR QUE FALAR DE LOGÍSTICA E INFRAESTRUTURA?	6
3. O QUE FAZER ANTES DA EMERGÊNCIA?	8
3.1. IDENTIFICAR POSSÍVEIS RISCOS	8
3.2. AVALIAR A LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA	10
3.3. REALIZAR INSPEÇÃO PREVENTIVA DA INFRAESTRUTURA	11
3.4. MITIGAR DANOS E PROBLEMAS IDENTIFICADOS	13
4. O QUE FAZER DURANTE A EMERGÊNCIA?	15
5. O QUE FAZER APÓS A EMERGÊNCIA?	17
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
7. REFERÊNCIAS	19

1. APRESENTAÇÃO

A Amazônia Legal ocupa cerca de 60% do território nacional e abriga aproximadamente 29 milhões de habitantes. Essa região é marcada por diversidade geográfica, ecológica e sociocultural, composta por grandes centros urbanos, áreas rurais remotas e territórios indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais que preservam modos de vida e saberes ancestrais. Essa complexidade impõe desafios específicos à formulação e à implementação de políticas públicas, especialmente na área da educação.

No contexto da crise climática global, as emergências socioambientais têm se tornado mais frequentes, afetando diretamente o cotidiano escolar. Fenômenos como enchentes históricas, secas prolongadas, ondas de calor, queimadas com fumaça tóxica, terras caídas e deslizamentos de barrancos já comprometem a frequência e a permanência dos estudantes, fragilizando o vínculo com a escola e a segurança de toda a comunidade escolar.

Diante desse cenário, torna-se importante construir referenciais que orientem a atuação de redes e escolas. Este caderno foi elaborado para apoiar gestores da Amazônia Legal, oferecendo diretrizes contextualizadas que contribuem para fortalecer a resiliência das escolas, proteger suas comunidades e assegurar o direito à educação em situações adversas.

A crise climática já produz impactos concretos e desiguais entre os territórios. Preparar os sistemas educacionais para enfrentá-los significa reconhecer a relevância da Amazônia na agenda climática global e reafirmar o compromisso com a justiça territorial, social e ambiental.

É nesse contexto que o Consórcio Amazônia Legal, por meio da Câmara Setorial de Educação, em parceria com o Instituto Unibanco, o UNICEF e o Vozes da Educação, apresenta este caderno orientador. O material reúne conceitos e orientações práticas sobre questões relacionadas à logística e infraestrutura em situações de emergência climática.

Nosso objetivo é apoiar a reflexão e a construção de estratégias que protejam as escolas e assegurem os direitos de crianças e adolescentes em contextos de crise, valorizando as experiências, saberes e estratégias já presentes nos territórios.

Boa leitura!

2. POR QUE FALAR DE LOGÍSTICA E INFRAESTRUTURA?

A logística e a infraestrutura são essenciais para garantir o aprendizado com segurança e continuidade. Diante das mudanças climáticas, tornam-se ainda mais estratégicas, já que eventos como enchentes, secas, calor extremo e ventos fortes podem interromper o funcionamento das escolas e afetar o acesso de estudantes e educadores.

Sem preparo, enchentes isolam comunidades e danificam prédios e materiais; a falta de chuva compromete o abastecimento de água e o preparo da merenda; o baixo nível dos rios dificulta o transporte; e o calor intenso reduz a concentração e o bem-estar em salas mal ventiladas.

Nesse sentido, falar de logística e infraestrutura em contexto de emergências climáticas é planejar escolas capazes de manter-se seguras, acolhedoras e prontas para o aprendizado, mesmo em meio às adversidades. É garantir que cada criança e adolescente tenha direito à educação de qualidade, independentemente das condições climáticas.

IMPACTOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA ESCOLAR

As mudanças do clima afetam diretamente o funcionamento das escolas, comprometendo estrutura, transporte e rotina. Esses impactos se dividem em diretos e indiretos.

OS IMPACTOS DIRETOS AFETAM DE FORMA IMEDIATA OS ELEMENTOS ESSENCIAIS DA ESCOLA



Transporte

Estradas alagadas, pontes danificadas e baixo nível dos rios dificultam o deslocamento de estudantes e equipes escolares.



Prédios e estruturas

Ventos e chuvas intensas causam destelhamentos, infiltrações e danos que inviabilizam o uso de salas, laboratórios e bibliotecas. Em escolas com recursos de acessibilidade, rampas, elevadores e materiais de apoio podem ser comprometidos, limitando a circulação e a aprendizagem de estudantes com deficiência.



Água e energia

Estiagens e enchentes afetam o abastecimento e a higiene, enquanto tempestades provocam quedas de energia que interrompem aulas e equipamentos.



Merenda escolar

Atrasos e perdas no fornecimento de alimentos prejudicam a alimentação dos estudantes e, em alguns casos, sua segurança alimentar.



Áreas externas

Pátios e quadras se tornam inutilizáveis por causa da chuva, do calor ou da fumaça, restringindo atividades físicas e recreativas.

OS IMPACTOS INDIRETOS

INTERFEREM NA CAPACIDADE DA ESCOLA DE FUNCIONAR PLENAMENTE, AFETANDO SERVIÇOS E RECURSOS QUE DEPENDEM DA LOGÍSTICA E DA INFRAESTRUTURA



Cadeia de suprimentos

Atrasos na entrega de materiais escolares, livros, uniformes e equipamentos devido a interrupções logísticas causadas pelo clima.



Organização escolar Suspensões e atrasos nas aulas geram sobrecarga das equipes, necessidade de reposição de conteúdos e risco de evasão.



Saúde e bem-estar

Calor extremo, fumaça e baixa umidade afetam a saúde física e mental de estudantes e equipes escolares, aumentando o cansaço e a irritabilidade.



Comunicação

Falhas de energia, *internet* ou telefonia dificultam a troca de informações entre escolas, famílias e autoridades, atrasando decisões e respostas emergenciais.

Nas próximas seções, vamos apresentar algumas sugestões de ações que podem ser realizadas . O objetivo é fortalecer a infraestrutura e a logística escolar, permitindo que as escolas se preparem, respondam e se recuperem diante de fenômenos climáticos, assegurando a continuidade das atividades e a proteção da comunidade escolar.

3. O QUE FAZER ANTES DA EMERGÊNCIA?

Preparar a escola antes da emergência climática salva vidas, reduz danos e acelera a retomada das aulas. Quando a escola conhece seus riscos, mantém a infraestrutura em bom estado e organiza rotas seguras, por exemplo, protege estudantes e profissionais e evita longas interrupções no calendário. No campo da infraestrutura e da logística, isso significa adaptar e fortalecer tanto novas construções quanto escolas já existentes, para que permaneçam seguras, funcionais e em condições de uso durante e após eventos extremos.

Nesse sentido, antes da emergência, as redes de ensino e as escolas podem adotar um conjunto de medidas práticas que reduzem riscos e fortalecem sua capacidade de resposta. Essas ações envolvem diagnóstico, manutenção, planejamento e mobilização da comunidade.

3.1. IDENTIFICAR POSSÍVEIS RISCOS

Antes de agir, é preciso conhecer o que ameaça a escola.

Por isso, sugere-se responder às seguintes perguntas, registrando-as em um formulário, planilha ou caderno de acompanhamento da gestão. Isso é importante para que a escola compreenda quais riscos climáticos podem afetar suas atividades, identificando os pontos mais vulneráveis e planejando ações preventivas adequadas à sua realidade.

1. Que tipos de eventos climáticos já afetaram a escola ou a comunidade?

Exemplo: enchentes que isolaram o acesso à escola, ventos fortes que destelharam salas, fumaça de queimadas que suspenderam aulas, calor extremo que dificultou o aprendizado.

2. Com que frequência esses eventos acontecem e em que época do ano são mais comuns?

Exemplo: chuvas intensas entre janeiro e março, queimadas recorrentes no período de estiagem, ondas de calor em outubro e novembro.

3. Quais áreas da escola são mais vulneráveis?

Exemplo: pátio que alaga com facilidade, telhado com infiltrações, muros rachados, rede elétrica exposta, acesso principal com desnível ou lama.

4. Quais impactos esses eventos causam no funcionamento da escola?

Exemplo: interrupção das aulas, danos a equipamentos, atraso na merenda, falta de água, queda de energia, dificuldade no transporte escolar.

5. Como esses impactos afetam estudantes e profissionais?

Exemplo: aumento de faltas, estresse e ansiedade, perda de materiais escolares, cansaço devido ao calor, riscos à segurança durante o deslocamento.

6. Que medidas a escola já adotou para reduzir os impactos? Elas funcionaram bem?

Exemplo: limpeza de calhas antes do período chuvoso, reforço no telhado, instalação de bombas de drenagem, plantio de árvores para sombra.

7. Quais lições foram aprendidas e o que ainda precisa ser melhorado?

Exemplo: necessidade de ampliar a ventilação das salas, reforçar o muro lateral, criar rotas alternativas de acesso, formalizar um plano de emergência.



3.2 AVALIAR A LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA

Além de identificar os eventos climáticos que já ocorreram ou que podem ocorrer na região, é importante observar a **localização geográfica** da escola e seu entorno imediato. Por isso, sugere-se seguir o seguinte roteiro de verificação do entorno da escola:

- A escola está próxima de rios, córregos, represas ou outras fontes de água?
- Há encostas ou áreas com histórico de deslizamentos nas proximidades?
- Existem áreas suscetíveis a incêndios florestais ou queimadas?
- As vias de acesso permitem a evacuação rápida em caso de emergência?
- A infraestrutura urbana, como sistema de drenagem, muros e redes elétricas, é adequada para resistir a eventos climáticos extremos?
- Há construções ou ocupações irregulares próximas que possam representar risco?

As respostas podem ser utilizadas para orientar o planejamento da escola. Ao analisar essas informações, a equipe gestora, com o apoio da Secretaria de Educação, tem a oportunidade de identificar áreas mais vulneráveis, buscar orientação técnica da Defesa Civil e registrar essas observações no Projeto Político-Pedagógico da escola, por exemplo. Esse processo contribui para tornar o ambiente escolar mais seguro e preparado diante de emergências climáticas.

3.3. REALIZAR INSPEÇÃO PREVENTIVA DA INFRAESTRUTURA

Após identificar os riscos e analisar a localização da escola e seu entorno, é hora de transformar o diagnóstico em ação. Planejar melhorias, organizar reparos e realizar pequenas intervenções ajuda a manter a escola segura e funcional mesmo em situações de emergência.

Para isso, a escola pode seguir o roteiro a seguir, registrando observações em planilha, formulário ou caderno de gestão. Essa verificação preventiva ajuda a identificar e corrigir falhas antes que se tornem riscos maiores, fortalecendo a cultura de prevenção da escola.



EXEMPLO DE CHECKLIST PARA INSPEÇÃO PREVENTIVA DA INFRAESTRUTURA



Telhados e forros

- Há telhas soltas, quebradas ou com infiltração?
- Há acúmulo de sujeira que possa obstruir calhas e a drenagem da água?
- O forro apresenta rachaduras, mofo ou sinais de desgaste?



Paredes, pisos e janelas

- Existem rachaduras, mofo ou revestimentos danificados?
- As janelas e portas fecham corretamente?
- Os pisos são seguros e antiderrapantes?
- Em locais de calor intenso, a ventilação é adequada?
- As paredes externas são claras e o telhado tem isolamento térmico?



Calhas, bueiros e sistemas de drenagem

- As calhas e ralos estão limpos e desobstruídos?
- Há acúmulo de água parada em algum ponto do pátio ou entorno?
- O sistema de drenagem funciona bem durante as chuvas?



Redes elétrica e hidráulica

- Há fios expostos, tomadas soltas ou disjuntores sobrecarregados?
- Existem vazamentos ou torneiras danificadas?
- Os reservatórios estão tampados e protegidos contra contaminação?
- Os pontos de energia estão afastados de locais úmidos ou alagáveis?

- Áreas externas e acessos**
 - Muros e portões estão firmes e seguros?
 - Árvores próximas aos prédios foram podadas recentemente?
 - Rampas, escadas e caminhos de entrada e saída estão livres de riscos?
 - As rotas de evacuação estão desobstruídas?
- Equipamentos e mobiliário**
 - Mesas, cadeiras, armários e quadros estão firmes e em bom estado?
 - Objetos pesados estão armazenados em locais seguros e baixos?
- Sinalização e rotas de evacuação**
 - As saídas de emergência estão sinalizadas e visíveis?
 - Há placas indicando rotas de fuga e pontos de encontro?
 - Os caminhos de saída estão sempre livres de obstáculos?
- Sistemas de segurança e emergência**
 - Os extintores estão dentro do prazo de validade e acessíveis?
 - Há iluminação de emergência e alarmes sonoros funcionando?
 - Existe um kit de primeiros socorros disponível e completo?
- Áreas de convivência e recreação**
 - As quadras, parquinhos e jardins estão firmes e bem drenados?
 - Há objetos soltos que possam se tornar perigosos com ventos fortes?
- Ventilação e conforto térmico**
 - As janelas, ventiladores e exaustores funcionam bem?
 - As salas são bem ventiladas e protegidas do calor excessivo?
- Bebedouros e qualidade da água**
 - Os bebedouros e filtros estão limpos e em bom funcionamento?
 - A água é potável e armazenada com segurança?

INSPEÇÃO PREVENTIVA COMO PRÁTICA SISTEMÁTICA DA REDE

As Secretarias de Educação podem incorporar a inspeção preventiva como uma prática sistemática da rede, oferecendo apoio técnico e logístico às escolas. Isso inclui:

- Disponibilizar modelos de planilhas e roteiros de verificação,
- Orientar equipes gestoras sobre como registrar e priorizar os reparos, e
- Articular parcerias com a rede de apoio, como a Defesa Civil e o Corpo de Bombeiros.

A consolidação dessas informações pode alimentar um banco de dados, ajudando a planejar investimentos, monitorar riscos e fortalecer a resiliência das unidades escolares.

3.4. MITIGAR DANOS E PROBLEMAS IDENTIFICADOS

Após a inspeção preventiva, a escola pode transformar as observações em ações concretas. Mitigar significa reduzir os danos e prevenir a repetição de problemas já identificados. Com base nas vistorias, é possível planejar ajustes simples ou estruturais que aumentem a segurança, garantam a continuidade das aulas e evitem prejuízos futuros.



EXEMPLOS DE AÇÕES QUE PODEM SER PRIORIZADAS PELAS ESCOLAS



Reforçar e reparar a estrutura física

- Substituir telhas quebradas, reparar infiltrações e reforçar forros.
- Corrigir rachaduras, trincas e revestimentos danificados.
- Ajustar portas e janelas que não vedam bem, reduzindo entrada de chuva ou poeira.



Melhorar drenagem e controle de água

- Limpar e desobstruir calhas, ralos e bueiros.
- Avaliar pontos de acúmulo de água no pátio e planejar soluções simples de drenagem.
- Criar pequenos jardins ou áreas permeáveis para facilitar o escoamento da chuva.

- Fortalecer redes elétrica e hidráulica**
 - Substituir fios e tomadas danificadas, revisar disjuntores e proteger pontos de energia em áreas úmidas.
 - Consertar vazamentos e garantir reservatórios limpos e protegidos.
 - Instalar dispositivos de economia e segurança, como filtros e protetores de tensão.
- Proteger e adaptar áreas externas**
 - Podar árvores próximas a prédios e retirar galhos soltos.
 - Reforçar muros, rampas e escadas com corrimãos e sinalização.
 - Garantir acesso seguro e rotas de evacuação desobstruídas.
- Melhorar conforto térmico e ventilação**
 - Aumentar a ventilação natural com aberturas adequadas e ventiladores bem posicionados.
 - Pintar paredes externas com cores claras e avaliar uso de sombreamento natural.
 - Substituir estruturas metálicas expostas por materiais com isolamento térmico.

Mitigar danos não depende apenas de grandes obras. A escola pode mobilizar sua comunidade, envolver estudantes e famílias em mutirões de limpeza, campanhas de cuidado com o espaço e projetos de arborização ou reaproveitamento de água. Essas ações fortalecem o senso de pertencimento e ajudam a construir uma cultura de prevenção e cuidado coletivo.

PLANOS DE INTERVENÇÃO PREVENTIVA

As Secretarias de Educação podem apoiar as escolas na mitigação de problemas estruturais criando planos de intervenção preventiva, com apoio técnico e orçamentário. Entre as possibilidades estão:

- **Orientar gestores sobre prioridades de reparo, considerando:**
 - Gravidade do risco,
 - Complexidade e custo da intervenção,
 - Impacto na rotina escolar,
 - Benefício preventivo.
- **Promover formações sobre infraestrutura resiliente;**
- **Integrar informações das escolas em um sistema de monitoramento contínuo.**

Essa articulação fortalece a capacidade da rede de antecipar riscos e reduzir custos futuros com reparos emergenciais.

OUTRAS AÇÕES POSSÍVEIS

Além das medidas apresentadas neste caderno, outras ações logísticas são fundamentais para fortalecer a preparação e a resposta das escolas em situações de emergência climática. Entre elas, destacam-se:

- **O planejamento de rotas de acesso seguras**, para garantir o deslocamento de estudantes e profissionais mesmo diante de bloqueios;
- **A gestão de estoques**, assegurando autonomia temporária em períodos de interrupção no abastecimento;
- **A comunicação entre atores**, que viabiliza apoio rápido, coordenado e eficaz.

Esses temas, embora essenciais para a resiliência das redes de ensino, não serão aprofundados neste caderno, podendo ser desenvolvidos em materiais complementares e guias específicos voltados à gestão logística e emergencial.



4. O QUE FAZER DURANTE A EMERGÊNCIA?

Mesmo com um bom planejamento, situações de emergência podem ocorrer de forma inesperada ou se agravar rapidamente. Nesse momento, a prioridade é garantir a segurança de todos, reduzindo riscos imediatos e assegurando que as pessoas saibam como agir.

Esta seção apresenta orientações práticas para apoiar gestores e equipes escolares na tomada de decisões durante emergências, com foco na proteção da comunidade escolar, na manutenção de acessos seguros e na continuidade das atividades essenciais da escola.



Observar áreas críticas

Durante a emergência, pode ser útil realizar um acompanhamento contínuo das áreas mais sensíveis do prédio, como telhados, forros, janelas, muros e áreas externas, para identificar infiltrações, rachaduras, deslizamentos ou quedas de árvores.

Quando possível, esse monitoramento deve ser feito de forma segura, com apoio de profissionais capacitados ou orientações da Defesa Civil local.



Proteger as pessoas e os espaços

Se alguma área apresentar risco, recomenda-se restringir o acesso e sinalizar o local com fitas, barreiras ou cartazes visíveis. Também é importante verificar se as rotas de saída permanecem livres de obstáculos e se há acesso a água, ventilação e primeiros socorros.



Evitar acidentes

Durante o evento extremo, a atenção deve se voltar à segurança imediata.

É recomendável evitar o uso de escadas, áreas externas expostas e locais com risco de queda de objetos. Sempre que possível, orienta-se remover ou fixar itens que possam ser deslocados por ventos fortes, como vasos, quadros ou equipamentos.



Comunicar e registrar

Informar rapidamente a Secretaria de Educação sobre os riscos identificados e as medidas adotadas contribui para decisões mais seguras e coordenadas. O registro das ocorrências e das ações realizadas, mesmo que de forma simples, ajuda a planejar futuras melhorias na infraestrutura e a aperfeiçoar o plano de emergência da escola.



DIRETRIZES ESPECÍFICAS PARA CADA EVENTO CLIMÁTICO

As ações a serem adotadas durante uma emergência variam conforme o tipo e a intensidade do evento climático. Por isso, recomenda-se que cada Secretaria de Educação elabore protocolos e diretrizes específicas para diferentes situações, como enchentes, deslizamentos, ventos fortes, secas, ondas de calor ou queimadas. Ter orientações claras e adaptadas à realidade local facilita a tomada de decisão das equipes escolares e contribui para respostas mais rápidas e seguras em cada cenário.



5. O QUE FAZER APÓS A EMERGÊNCIA?

Após uma emergência climática, o foco volta-se para a segurança, a reorganização da rotina escolar e o fortalecimento da resiliência institucional. Uma atuação planejada e coordenada nesse momento reduz riscos, acelera o retorno das atividades e contribui para aprimorar o preparo da escola diante de futuras situações adversas.

Neste documento, elencamos três ações que, somadas ao que é proposto nos outros cadernos da série, podem apoiar uma retomada segura e estruturada das atividades escolares.



AVALIAR A SEGURANÇA DO EDIFÍCIO ESCOLAR

Antes de retomar as atividades, recomenda-se verificar se a escola está segura para receber estudantes e profissionais.

- **Verificar a estrutura física:** observar telhados, forros, paredes, portas, janelas, muros e áreas externas.
- **Checar serviços essenciais:** avaliar o funcionamento de sistemas de água e energia.
- **Identificar riscos remanescentes:** procurar água parada, rachaduras, destroços ou equipamentos danificados.
- **Isolar áreas comprometidas:** sinalizar e restringir o acesso a locais com danos até a conclusão dos reparos.



ORGANIZAR ESTOQUES E ABASTECIMENTO

O abastecimento e os materiais utilizados precisam ser repostos e reorganizados.

- **Conferir e repor itens essenciais:** verificar alimentos, água, materiais pedagógicos e equipamentos.
- **Reorganizar o armazenamento:** garantir locais ventilados e protegidos contra umidade e contaminação.
- **Ampliar reservas quando necessário:** planejar estoques maiores em regiões de difícil acesso ou com reposição demorada.



COMUNICAR E REGISTRAR AS AÇÕES

A comunicação pós-emergência é importante para orientar decisões e apoiar a recuperação.

- **Reportar à Secretaria de Educação:** informar danos, necessidades e medidas adotadas.
- **Registrar o ocorrido:** documentar intervenções e decisões tomadas.

Avaliar os resultados: analisar a eficiência das ações realizadas e identificar oportunidades de melhoria.

INTEGRAÇÃO COM O PLANO DE CONTINGÊNCIA DA REDE E DAS ESCOLAS

As ações descritas neste e nos demais cadernos da série podem ser incorporadas a um **plano de contingência mais amplo**, conforme apresentado no Caderno 1 - Fundamentos Conceituais, elaborado de forma conjunta entre as Secretarias de Educação e as escolas. A experiência mostra que **ações isoladas têm alcance limitado**, enquanto **estratégias articuladas, sistemáticas e abrangentes** fortalecem toda a rede de proteção educacional.

Quando **planejamento, infraestrutura, logística, comunicação e acolhimento** atuam de forma integrada, os impactos das emergências são reduzidos, a resposta se torna mais ágil e o retorno às aulas ocorre com mais segurança. Assim, as redes e escolas deixam de reagir apenas diante da crise e passam a construir, de forma permanente e colaborativa, **uma cultura de prevenção, cuidado e resiliência** que protege toda a comunidade escolar.



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este caderno foi elaborado como um guia prático para apoiar escolas e redes na prevenção, gestão e recuperação diante de emergências climáticas. Reúne orientações que ajudam a fortalecer a infraestrutura, organizar recursos escolares e assegurar a continuidade das atividades educativas, mesmo em contextos adversos.

A partir deste ponto, o desafio é transformar o aprendizado em prática. Avalie o que já existe em sua escola ou rede de ensino, defina prioridades e estabeleça planos de ação envolvendo estudantes, famílias e profissionais. Pequenas ações, quando contínuas e coordenadas, geram grandes resultados, fortalecendo a capacidade de resposta, protegendo vidas e assegurando o direito de aprender.

Use este caderno como referência para revisar e atualizar planos de prevenção, emergência e recuperação, garantindo que cada iniciativa esteja alinhada à realidade local e contribua para a construção de uma cultura de segurança, cuidado e preparação permanente em toda a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação; Instituto Reúna. Guia de Ações Educacionais em Resposta a Emergências Climáticas. Brasília: MEC; Instituto Reúna, 2025.

CEMADEN. Educação em clima de riscos de desastres. São José dos Campos, SP: Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais, 2024.

GADRRRES. Alliance (Global) for Disaster Risk Reduction and Resilience in teh Education Sector. Estrutura de Segurança Escolar Abrangente (CSSF) 2022-2030: para os direitos das crianças e a resiliência no setor da educação. [S.I.], 2023.

GADRRRES. Alliance (Global) for Disaster Risk Reduction and Resilience in teh Education Sector. Comprehensive School Safety Framework. [S.I.], [s.d.].

GADRRRES. Alliance (Global) for Disaster Risk Reduction and Resilience in teh Education Sector. Comprehensive School Safety Targets and Indicators. [S.I.], [s.d.].

GADRRRES. Alliance (Global) for Disaster Risk Reduction and Resilience in teh Education Sector. Non-technical CSS Assessment Tools. [S.I.], [s.d.].

INEE. Inter-Agency Network for Education in Emergencies. Standard 5 – Response Strategies. In: INEE Minimum Standards for Education: Preparedness, Response and Recovery. [S.I.], 2024.

INEE. Inter-Agency Network for Education in Emergencies. Minimum Requirement 9 – Protection and Well-being. In: INEE Minimum Standards for Education: Preparedness, Response and Recovery. [S.I.], 2024.

INEE. Inter-Agency Network for Education in Emergencies. Minimum Requirement 10 – Facilities and Services. In: INEE Minimum Standards for Education: Preparedness, Response and Recovery. [S.I.]: INEE, 2024.

UNICEF. United Nation Children's Fund. Building climate and disaster-resilient schools. [S.I.]: UNICEF, [s.d.].

UNICEF. United Nations Children's Fund. The climate-changed child: a children's climate risk index supplement. Nova Iorque, 2023.

UNICEF. A Iniciativa Escola Verde: abordagem do UNICEF para criar resiliência e acelerar a ação climática para as crianças na e através da educação na África Ocidental e Central. Escritório Regional da UNICEF para a África Ocidental e Central (WCARO), junho 2024.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. "Learning at Risk: The Impact of Climate Displacement on the Right to Education". [S.I.]: UNESCO, 2023.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Guidelines for assessing learning facilities in the context of disaster risk reduction and climate change adaptation. Vol. 1, VISUS methodology. Paris: UNESCO, 2019.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Guidelines for assessing learning facilities in the context of disaster risk reduction and climate change adaptation. Vol. 2, VISUS methodology. Paris: UNESCO, 2019.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Guidelines for assessing learning facilities in the context of disaster risk reduction and climate change adaptation. Vol. 3, VISUS implementation. Paris: UNESCO, 2019.

WORLD BANK. Choosing our future: education for climate action. Washington D.C.: World Bank, agosto 2024.

Realização:



Parceiros:



Assistência Técnica:

